

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: JB Class.: Amazônia / Saúde

Data: 25/5/92 Pg.: 13 47

Amazônia produz soro antiofídico específico

Orlando Farias

MANAUS — O aumento do número de pessoas atacadas por serpentes, cobras e escorpiões no Amazonas, com 589 casos registrados entre 1986 e 1991 somente nas áreas próximas da capital, está sendo combatido pela equipe do Instituto de Medicina Tropical, convencida que o soro antiofídico preparado em São Paulo, Rio e Minas Gerais não neutraliza totalmente os venenos de algumas espécies da região.

Uma prova disso é a espécie *Micruurus surinamensis*, uma coral que habita o Amazonas e cujo veneno não é inativado pelo soro existente, como foi comprovado pelo Instituto de Medicina Tropical, em Manaus. Segundo Emiro Muniz, pesquisador do instituto, dependendo da quantidade de veneno inoculada, a pessoa pode até morrer.

Os soros preparados pelo Instituto Butantã, em São Paulo, Fundação Ezequiel Dias, em Minas Gerais, e Instituto Vital Brazil, no Rio, são feitos a partir do veneno inoculado em cavalos de duas corais típicas do Sudeste, onde as condições climáticas são muito diferentes do Norte do país. "A preparação do soro acaba sendo direcionada para

aquela região específica", reforça Muniz.

As mortes de caboclos são raras em acidentes desse tipo no Amazonas porque há mais chances de encontrar serpentes da família *Bothrops*, as temíveis jararacas, para as quais o soro existente protege parcialmente. Já as corais possuem hábitos subterrâneos, incluindo a *M. surinamensis*, segundo conta a bióloga do Instituto Maria Hermelinda Oliveira.

Os pesquisadores também não estão livres desse tipo de acidente na floresta ou nos próprios serpenteiros em Manaus. O coordenador do Núcleo de Ofidismo do instituto, Márcio Martins, foi vítima de uma jararaca há duas semanas na reserva científica Ducke, quando colhia dados para uma tese de doutoramento. Embora recuperado, ele não foi poupado de um edema no local da picada, dores musculares e febre.

A ameaça que continua rondando o homem em seu habitat na selva do Amazonas, levou o Instituto de Medicina Tropical a priorizar, a partir desse ano, a caracterização biológica das atividades venenosas de todas as espécies peçonhentas nessa região.